

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

GABRIELA DA SILVA BORGES

PRESO NO NINHO:

A PREVALÊNCIA DAS DECISÕES DOS PAIS NO DESTINO DO PROTAGONISTA EM
CORES PROIBIDAS

RIO DE JANEIRO

2019

GABRIELA DA SILVA BORGES

PRESO NO NINHO:

A PREVALÊNCIA DAS DECISÕES DOS PAIS NO DESTINO DO PROTAGONISTA EM
CORES PROIBIDAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de bacharel em
Letras: Português - Japonês.

Orientador: Prof. Dr. João Marcelo Monzani

RIO DE JANEIRO

2019

RESUMO

Este trabalho é baseado numa análise de relação dos personagens principais do romance *Cores Proibidas*, de Yukio Mishima, considerando a época, o ambiente inserido e as influências culturais japonesas. Relevando o carácter arquétipo numa representação experimental da realidade, segundo apontam Dick Wagenaar e Yoshio Iwamoto, é possível classificar a interação de Shunsuke e Yuichi como de corpo e mente e, por extensão desse pensamento, como de pai e filho de forma exemplificativa. Como consequência, desse ponto nasce uma relação de dominação e roubo de protagonismo das decisões de Yuichi por parte de Shunsuke e por um aditivo as ações realizadas pela mãe do protagonista, ambos com diferentes intenções. Assim, aplica-se a teoria de Foucault para entender como as formas de dominação funcionam no enredo, se encaixando na ideia de vigia e punição exercida sobre Yuichi, e como sua libertação é uma resposta à imposição de controle exercida pelos seus "pais".

Palavras-chave: Relação; Pai e Filho; Dominação; Protagonismo; Cores Proibidas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	KIMITAKE HIRAOKA E YUKIO MISHIMA	5
3	CORES PROIBIDAS	8
3.1.	PROCESSO DE ADOÇÃO	11
3.2.	SÍMBOLO MATERNAL	14
3.3.	INFLUÊNCIAS PARENTAIS	15
3.4.	FUGA DO NINHO	22
4.	CONCLUSÃO	
5.	REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

Indivíduo e sociedade são dependentes entre si. Se o processo de evolução de um foi resultado da existência do outro, um encontra o seu poder no outro. A sociedade, porém, se dispõe de ferramentas para controlar o poder gerado pelo conjunto de indivíduos que comporta, o principal sendo o Estado. Ou seja, o indivíduo é um resultado do poder, é criado, doutrinado, julgado e corrigido pelo Estado. O objetivo disso é a manutenção da sociedade num processo de aprimoramento que, por conseguinte, também espera gerar o aprimoramento do indivíduo.

Dentro do Estado, outras instituições recebem suas ferramentas de acordo com suas necessidades. As normas sociais e as regras judiciais, a moral e os bons costumes, algumas são orais, algumas registradas, mas todas visam o equilíbrio e uma convivência satisfatória. Contudo, é papel do indivíduo respeitar ou não esse processo e escolher quais partes dele pode ser modificadas. Percebe-se que um indivíduo ciente de seu poder sobre a sociedade é capaz de romper com o poder por ela imposto. Por esse viés, pensar as ferramentas dadas para as instituições Escola e Família como fundamentais, é de relevância primordial.

Na Escola, a atuação do Estado é nítida. Os professores são as ferramentas de poder, exercendo sua superioridade até na posição que se colocam em sala. Os alunos são de um nível hierárquico inferior, respeitam seu lugar e integram o conhecimento recebido como ferramenta própria. As matérias mais importantes recebem mais atenção e suporte, as menos são levadas como obrigação. O certificado, por conseguinte, é uma prova para a sociedade de que é capaz de usar seu conhecimento para beneficiá-la. As regras podem ser mudadas, a moral pode ser substituída, mas o Estado ainda é o culpado do aprimoramento.

Na Família, encontra-se o ponto falso de escape. A figura de poder é interna e, toda a interferência externa é assimilada do ponto de vista da figura de poder. O Estado é passivo, sequer pode interferir sem sofrer julgamento. Nos ambientes, é possível encontrar diversas formas de dominação e controle ou a ausência delas e, a presença da violência como uma ferramenta quase obrigatória. Os limites estipulados dessa instituição em relação às demais, uma vez desenvolvidos pela sociedade e pela justiça, só podem ser ultrapassados por elas. Mas, tais casos são tão extremos que expõe a fragilidade do poder do Estado.

O ambiente familiar é um lugar de prisão e de libertação. Sua estrutura volátil garante a permanência de métodos arcaicos, fator que vem sendo abolido mesmo na Escola. Seguindo os modelos parentais apresentados por Valentini e Alchieri (2009), nota-se uma regularidade no comportamento dos pais em relação aos filhos. Uma regularidade que é cabível de medição e estudo crítico ao quanto cada comportamento pode ser considerado de desleixo a abuso, deixa

claro que a Família possui seu poder em mais estilos que os do Estado. Quanto ao padrão de análise, tão afastado do objetivo de interferir na instituição, não difere do que é realizado pela literatura.

A literatura geralmente idealiza a Família. Quanto mais próxima do padrão social - pai, mãe e filhos -, mais é encaixada como parte do processo de redenção do protagonista. Na jornada do herói, se o protagonista não é órfão, é bem provável que os pais ajudem em algum dos passos que ele tem de passar. Nem todos conseguem enxergar que a família seja um problema, mesmo que seja ela a responsável por afetar a personalidade e visão de mundo do protagonista. Pela lógica, quanto menos próxima do padrão social, quanto mais desajustada seja para a sociedade, melhor é para enxergar a instituição e suas ferramentas, mesmo que seja para questioná-las.

Tendo isso em vista, o presente trabalho utiliza como fonte de observação desse fenômeno o romance de Yukio Mishima, *Cores Proibidas*. Consideramos sua vida literária, o padrão de suas obras e o contexto histórico, que foi reproduzido na obra, para definirmos os padrões. Na obra, são demarcados quais fatores externos são colocados em contraste com o assunto, para que fortaleçam a análise. Por fim, procura-se provar a paternidade de um dos protagonistas para entender como o mesmo manipula o outro ao ponto de se beneficiar e roubar o protagonismo alheio.

2. KIMITAKE HIRAOKA E YUKIO MISHIMA

Nascido em 14 de Janeiro de 1925 em Tokyo, Kimitake Hiraoka foi criado pela avó, Natsuko Hiraoka. Isolado dos perigos do mundo exterior, a criança passava seus dias dentro do quarto da avó, entre livros, artes e ensinamentos sobre sua descendência samuraica mas, acima de tudo, convivendo com a doença, as dores e a morbidez do fim de vida. Apesar de viver na mesma casa que os pais e os irmãos mais novos, seu contato com crianças era raro, até para brincar com as primas tinha de ter cuidado para não se machucar. Tal cuidado extremo, afastamento do mundo exterior e refúgio unicamente no mundo literário acabaram de forma física com a morte da sra. Natsuko, perto do aniversário de 12 anos de Kimitake.

Foi matriculado num colégio de elite. Cercado por companhias selecionadas por ele por padrões de família, influência e intelectualidade, passava muito tempo com filhos de figuras importantes e seus professores. Ainda assim, a literatura servia de passatempo principal, tanto a leitura quanto o início da produção. Aos 16 anos, escolheu seu pseudônimo de escritor com a ajuda de seu professor para a primeira obra de Yukio Mishima. Enquanto a mãe apoiava sua carreira de escritor, o pseudônimo era usado para esconder o fato do pai, que incentivava com intensidade a

carreira pública e uma graduação em advocacia. Então, Kimitake passou para advocacia na Universidade de Tokyo aos 18 anos, pouco antes da Segunda Grande Guerra chegar ao Japão.

Devido a um resfriado, diagnosticado erroneamente como tuberculose, Hiraoka foi dispensado do serviço militar. Sua contribuição na guerra consistia na construção dos aviões utilizados pelos *kamikaze*¹. O primeiro romance de Mishima começou a ser escrito nessa época. No final da guerra, conseguiu um alto cargo no governo, mas durou pouco tempo e, até seu pai concordou com sua renúncia. Com isso, ele passou a devotar seu tempo à escrita. A guerra influenciou o povo japonês num todo, com ele não seria diferente. Seu nacionalismo crescente o atraía para grupos sociais mais conservadores, influenciando sua escrita e culminando até para a criação para um exército particular, o “*tatenokai*”².

Kimitake preferia manter um limite claro entre sua vida pessoal e sua carreira. Uma das maiores provas disso fora seu *omiai*³, um contrato de casamento realizado apenas para satisfazer a mãe, pois a mesma tinha suspeitas de possuir uma doença grave na época. Teve dois filhos e mantinha um casamento estável, mas a crítica sempre o apontou como homossexual, usando suas obras como prova. Uma de suas obras também serviram de prova para um processo na justiça, provindo de um político. Nas viagens a trabalho, ia sozinho, muito formal, com inglês confiante e, com predisposição de ser o centro das atenções em pequenos grupos. A viagem com a esposa em vários países serviu como um descanso e, talvez, despedida.

Sua morte é o outro destaque notável de sua carreira. Após a invasão ao quartel general do Comando Oriental das Forças de Autodefesa do Japão, local em que treinava o *tatenokai*, fez de refém o comandante. Acompanhado de quatro membros de sua guarda, falou para soldado e imprensa sobre a importância do Japão e das figuras do imperador e do Exército. O comandante não foi ferido mas, Kimitake, assim como um dos membros do *tatenokai*, cometeu o ritual de *seppuku*⁴. Muitos consideraram que a razão da morte era por um relacionamento amoroso com o membro da guarda, outros argumentam ser pela fixação dele pelo *bumburyodo*⁵ e a incapacidade de alcançá-lo. Porém, Kimitake era um mistério, como é Mishima.

¹ Tradução literal: “ventos divinos”. Soldados cuja missão era derrubar os próprios aviões, se matando no processo, durante as investidas finais japonesas durante a Segunda Guerra Mundial.

² Tradução literal: sociedade do escudo. Milícia fundada em 1968, baseada na veneração ao imperador e à valores ultranacionalistas.

³ Tradição japonesa onde um homem e uma mulher são apresentados pela possibilidade de um contrato matrimonial.

⁴ Tradução literal: “cortar o ventre”. Ritual suicida cometido pela classe guerreira japonesa, os samurais, para provar sua honra em caso de falha em batalha, ou em proteger seu general.

⁵ Tradução literal: “caminho da pena e da espada”. Ideal samurai referente a conciliação de uma vida ligada igualmente as artes e às batalhas.

Yukio Mishima surgiu na revista Gakushuin no colégio de Kimitake com seu primeiro conto, *Hanakazari no Mori*⁶. Sua escrita foi reconhecida pelos seus professores como a de um autor promissor de textos que buscavam o perfeccionismo entre forma e conteúdo. Apesar de pouca cópias produzidas por conta da guerra, chamou atenção de alguns grupos literários. Suas produções continuaram com contos e resistindo com a influência do autor nos grupos. Em 1949, *Confissões de uma Máscara* foi o primeiro romance a ser traduzido para outros países. Sua temática era sobre o “homossexualismo”, popular principalmente no Japão pós-guerra, pensada de um ponto de vista sadista e sanguinário, atraía mais apreciadores do seu estilo perfeccionista de escrita. Nos dois anos seguintes, escreveu *Sede de Amar* em 1950 e, *Cores Proibidas* em 1951.

Seu repertório consiste em 34 romances, 50 peças, 25 compilações de histórias curtas e, pelo menos, 35 livros de ensaios. Foi traduzidos para países como EUA, França, Inglaterra e Alemanha. Mesclando elementos das culturas oriental e ocidental, retratava-os sob sua visão crítica das consequências da conquista do Japão pelos EUA. Entre *O Templo do Pavilhão Dourado* (1956) e a tetralogia de *O Mar de Fertilidade* (1965-1970), seu estilo tornou-se cada vez mais nacionalista e mais crítico. Seu envolvimento com política, ínfimo na juventude, foi gradualmente revertido nas obras, o que pode ser observado entre *Depois do Banquete* (1960), *Patriotismo* (1961) e *Meu Amigo Hitler* (1968).

Contudo, a tendência de sua alma sempre é “para a morte, a noite e o sangue”. Os quebra-cabeças psicológicos que montava, a incapacidade de estabelecer com um pacto biográfico e a necessidade de constantemente tentar solucionar conflito entre mente e corpo, eram estabelecidos em cenários sombrios (fosse interna ou externamente), com quebras de expectativas de um roteiro comum e a tão frisada cena de sacrifício, que consistia em quase todos os casos em suicídio. Yukio Mishima entrega para os leitores a sensação de insatisfação e desconforto de seus personagens com as dependências mundanas com intenção de resolver as próprias questões. É como Dick Wagenaar e Yoshio Iwamoto (1975) descrevem uma cena de *Confissões de uma Máscara*: “A cena é uma projeção figurativa da ruptura entre corpo e mente, músculo e cérebro, paixão e razão, abandono romântico e ordem clássica, que para Mishima definiam os dois pólos entre os quais ele moldava a vida dele.”⁷

3. CORES PROIBIDAS

⁶ “A Floresta em Seu Completo Florescer” seria uma tradução para o título.

⁷ Trecho original: “The scene is a figurative projection of the rift between body and mind, muscle and brain, passion and reason, romantic abandon and classical order, that for Mishima defined the two poles between whose claims he fashioned his life.” (Dick Wagenaar e Yoshio Iwamoto, 1975, pg. 42)

Folhetim escrito de 1951 até 1953, é o terceiro romance de Yukio Mishima, numa fase importante de mudanças no Japão. A visão em terceira pessoa focada na visão e nos pensamentos dos protagonistas evoca a ideia de um narrador, procurando nunca se comprometer no papel de personagem. Traduzido para inglês em 1968, retoma o assunto sobre “homossexualismo” e seu tabu uma vez introduzido por Confissões de uma Máscara. Entre suas mais de 400 páginas, descreve cenários, hábitos e o meio cultural em que os homossexuais da época se encontravam e praticavam seus “maus hábitos”. Além da carga do autor, a popularidade da obra também se deve à curiosidade japonesa em relação a tais assuntos, como abordado por McLelland (2011):

“From the early 1950s, a range of magazines that had much in common with the 1920s fad for publications specializing in “erotic, grotesque nonsense” appeared. Sporting titles such as Sexual Morals Science and Sexual Morals Storybook, these magazines courted a readership of “intellectuals” and “cultured persons” who were interested in analyzing and accounting for the apparently sudden proliferation of “queer” or perverse desires (*hentai seiyoku*) after the war.⁸”

O enredo é sobre Shunsuke, Yuichi e a vingança contra as mulheres. Shunsuke viveu seus mais de 60 anos aprendendo que, por mais que as amasse, as mulheres de sua vida o abandonariam cedo ou tarde por alguém mais jovem e/ou bonito. Ao descobrir que sua última parceira tinha um contrato de casamento certo com um belo jovem, também descobriu que o mesmo se sentia incapaz de concordar com o contrato. Yuichi sempre soube que nunca amaria as mulheres mas, graças a Shunsuke, descobriu que poderia se relacionar com elas mesmo que fosse ciente de sua própria homossexualidade. E, assim, Shunsuke encontra em Yuichi sua ferramenta de vingança, um belo jovem que jamais seria afetado pelo sexo feminino e que também estava fadado a entristecê-lo.

Shunsuke é descrito como sábio. Um senhor de meia idade, bem sucedido como escritor, está comemorando o lançamento de suas obras completas. Para o público, o nobre senhor inteligente continua promissor em seu trabalho, com textos que revelam a mais pura sensação dos sentimentos humanos. Por dentro, um homem consciente de sua feiura e rancoroso por sua vida cheia de rejeição, não tem hobby por não acreditar neles e na capacidade de encontrar relações rapidamente concretas que eles desencadeiam. Por fora, a proximidade da morte o deixa cada vez mais parecido com um cadáver: pele fina, dores crônicas, constituição delicada e as marcas do tempo realçadas num rosto não tão moldado quanto o espírito.

⁸ Para o início dos anos 50, apareceram uma série de revistas que tinham muito em comum com a tendência dos anos 20 para publicações especializadas no “nonsense grotesco, erótico”. Com exemplos de títulos como “As Ciências das Morais Sexuais e A Historiografia das Morais Sexuais”, essas revistas eram destinadas para grupos de “intelectuais” e “pessoas cultas” que tinham interesse em analisar e contabilizar a repentina proliferação de desejos perversos ou “queer” depois da guerra.

Yuichi é uma obra de arte. A própria descrição de apresentação da personagem evoca a famosa cena da pintura de Sandro Botticelli, O Nascimento de Vênus. O ideal de beleza do homem é usado para sua descrição, principalmente pelo fator juventude. Um noivo ideal para qualquer filha aos olhos da sociedade, e do autor. As descrições sobre sua juventude, seu corpo, seu charme e a reação de devoção que causa as pessoas são repetidas à exaustão. Um filho exemplar, que cuida da mãe desde que o pai morreu ainda novo, não tem problemas com a justiça, nem qualquer outra indisciplina. Aparentemente, ele é sem defeitos, não fosse pelo narcisismo crescente, a dificuldade de entender quaisquer sentimentos diferentes do seu e o “homossexualismo”.

A mãe de Yuichi e Yasuko são as mulheres mais próximas. Yasuko promoveu o encontro entre os protagonistas, abandonou um relacionamento platônico com Shunsuke pela promessa de casamento com Yuichi, promovida pela família do casal. A mãe é debilitada por sua grave doença nos rins. Segundo o próprio Shunsuke, “com o poder de seus rins, a mãe vem salvar o filho que passava por um momento de perigo” (cp. pg.57). Yasuko é a jovem que se esforça em conseguir o amor do noivo, e depois marido, sendo uma esposa japonesa exemplar. As duas servem como uma construção de uma farsa cotidiana entre os planos de Shunsuke e as fugas de Yuichi para se encontrar com homens mais jovens que ele.

Senhora Kaburagi e Kyoko são os principais alvos da vingança. A Senhora Kaburagi faz parte de um casal de trapaceiros, interessados em aplicar pequenos golpes em pessoas abastadas e procurar vantagem em todas as ocasiões. Kyoko é um exemplo de caráter, mas um tanto inocente, toda sua experiência de vida é esquecida por causa de Yuichi. Muitas das passagens misóginas no livro são sobre o quão fácil os sentimentos femininos são manipuláveis. Duas mulheres independentes, casadas e conservadas em charme e beleza, representam para Shunsuke memórias de recusa e desprezo. Assim como Yasuko, se apaixonam pelos encantos de Yuichi, entrando num quarteto amoroso e altamente competitivo por alguém que só é capaz de amar a si mesmo. Vingarse das duas talvez seja mais um hobby que uma missão, pois não existem revelações justas do motivo para serem alvos.

As paisagens são elementos marcantes. Se Confissões de uma Máscara mostra vislumbres da guerra, Cores Proibidas descreve um Japão completamente afetado pelo ocidentalismo. Seja uma forma de mostrar como as tradições japonesas estão sendo ameaçadas pelas ocidentais, a presença dos *gaijin*⁹ não parece agradável aos olhos do protagonista Yuichi. E, para o ambientes das festas, dos bares e dos lugares de encontro homossexuais, a descrição é uma mistura apurada e precisa de sentimentos e sensações de Yuichi, como se o mesmo internalizasse o ambiente.

⁹ Modo ofensivo para se referir a estrangeiros.

Apesar de ser tratada como uma obra menor, possui seus pontos de interesse. Mishima estava interessado em sair de sua escrita de conforto e experimentar novas fórmulas. Talvez como forma de autocrítica, trabalha a mente e o corpo em dois seres separados, mas inorgânicos. A relação entre Yuichi e Shunsuke, por ser fatal, é abrupta, começada no encontro deles, continuada na reflexão de um para o outro e, terminada na impossibilidade de um resistir ao lado do outro. Um fechamento de um ciclo de assimilação é, para essa obra, tão simples quanto uma relação paterna, a Família inorgânica que é capaz de ser rotulada e analisada na literatura.

3.1. PROCESSO DE ADOÇÃO

Shunsuke cultivava sentimentos por Yasuko. Ver a jovem crescer e se tornar uma mulher cada vez mais bela evocava o amor pelas mulheres do velho escritor. A felicidade, assim como relacionava em suas obras, estava ligada a beleza da jovem cuja companhia partilhava quase todas as manhãs e que tomava no colo, apesar das dores terríveis nas pernas decorrente da velhice. Platonicamente, esperava que Yasuko correspondesse seus sentimentos, mas sabia que a realidade um dia o traria de volta à consciência. Ele sabia que, um dia, sua feiura seria trocada pela beleza de uma juventude máscula, só não sabia que também ele despertaria encantos pelo jovem.

Por outro lado, o jovem não podia estar mais longe da felicidade. Tomado pelas pressões sociais, pelo compromisso de cuidar da sua mãe e pelo amor idealizado que sentia por Yasuko, compelido pela amizade desde a infância, Yuichi encontrou em Shunsuke a única mão disposta a tirá-lo do fundo do poço. O homem tinha o que faltava no jovem: a experiência trazida com anos de vivência, a pessoa culta e estudiosa esperada da figura de um escritor e os sentimentos carniais que eram esperados de um homem para uma mulher. Toda confiança exalada acarretou na confissão de Yuichi e, no momento de atribuição da paternidade.

“Terremoto, trovão, incêndio, pai”¹⁰ são figuras que exalam poder e inspiram temor. Não apenas em provérbios, a figura do pai japonês é exibida culturalmente como um exemplo para o futuro guerreiro destemido. Assim como conclui Fuess (1997) em sua pesquisa, a paternidade e suas funções começaram a ganhar notoriedade em tempos recentes. Na história, fica nítido que tal interesse emerge junto com o questionamento sobre as funções dos gêneros e a emancipação feminina de casa para o mercado de trabalho. As informações compartilhadas são inconclusivas para traçar uma época de destaque, mas evidenciam um perfil recorrente e até hoje estereotípico: o pai que sacrifica seu tempo com os filhos para lhes proporcionar uma vida confortável; a figura

¹⁰ Provérbio japonês, original: 地震雷火事親父 (*Jishin kaminari kaji oyaji*).

de autoridade que controla o lar mesmo ausente e cobra por resultados; e; o ser que cria seus filhos sem a responsabilidade de conhecê-los no presente, focado no futuro.

Para Shunsuke, o futuro está logo a porta. Olhando o problema de fora, conseguiu enxergar a solução estratégica. Mesmo desacreditado em sua racionalidade, o autor acalentou o jovem. Estava disposto a arcar com suas dívidas, cuidar de seus problemas mais complicados e guiar suas decisões pelo melhor caminho. Assim ele começa sua função de mentor, quando o jovem tem dúvidas sobre contar sobre sua homossexualidade para suas pessoas queridas:

“Então, não o faça. Haja o que houver, não diga nada. Existem coisas que uma mulher pode saber e outras que se deve nunca revelar. Tenho pouco conhecimento sobre seu problema, mas acredito de segredo que vale mais manter guardado. Quando uma moça está apaixonada por você assim como Yasuko está agora, seria melhor tomá-la logo por esposa, já que um dia vai ter de se casar de qualquer jeito. Pense na vida conjugal como algo fútil, sem maior importância. É por ser insignificante que podemos qualificá-la, sem medo, de sagrada.”(pg 37)

Em troca, ele só precisava ouvir e seguir os comandos de seu mentor. Uma mente calma veria o quanto as circunstâncias parecem dúbias, um indivíduo mais alheio a malícia da realidade se aproveitaria da oportunidade para conseguir mais benefícios de tal relação. Porém, a experiência do escritor lhe dizia que o jovem desesperado havia passado muito tempo escondido em suas angústias e segredos para obter a calma ou a malícia necessárias. Shunsuke joga com suas armas e um toque de admiração sincera. O corpo com o qual lida facilmente torna-se submisso a ele, pois ele deseja estar dependente de Shunsuke.

Quando Shunsuke declara:

“Acreditava que o casamento dos dois seria algo maravilhoso, já que poderia trazer para a moça completa infelicidade. Com a ajuda de Yuichi, seria capaz de levar ao convento uma centena de mulheres castas. Foi assim que o velho escritor, pela primeira vez na vida, conheceu uma paixão genuína.”(pg. 38)

Efetivamente podemos criar uma ponte com o Foucault (1987, pg. 29):

“...sua constituição [do corpo] como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento politicamente cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.”

Daí, surge a relação hierárquica de poder. Por Yuichi acreditar que Shunsuke possui intenções claras de usá-lo apenas para vingar maus-tratos passados, ele desconsidera uma análise profunda do motivo de tamanha benevolência do homem. Pelo velho corresponder aos padrões estereotípicos de uma figura paterna que é ausente na vida de Yuichi, o espaço já está livre e apenas precisa ser preenchido com alguém que emita superioridade em aspectos não dominantes do

jovem, sabedoria e austeridade. Cada espaço para dúvida é coberto pelas declarações ambíguas e sinceras do escritor, suas razões de admiração demonstram profunda empatia pelos assuntos do jovem. Quem acreditava que não poderia ser ouvido, ou que não poderia ser admirado ouve:

“Primeiro, você é um jovem de rara beleza. Em minha adolescência, sonhava em ser assim como você. A segunda razão é que você não as mulheres. Também desejaria ser assim, agora. Entretanto, não há como mudar meu amor inato pelas mulheres. Você foi uma revelação para mim. Por isso lhe peço: gostaria que vivesse minha juventude pelo avesso. Em resumo, quero que você se torne meu filho e me vingue. Como é filho único, não posso adotá-lo, mas quero que se torne meu filho espiritual (há essa palavra tabu!). Quero que você vele em meu lugar minhas incontáveis loucuras, esses meus filhos perdidos. Não importa quanto isso vai me custar.”(pg.50)

Shunsuke e Yuichi, ou unirem forças num encontro fortuito, se reconhecem como diferentes, mas com semelhanças. Para o mundo exterior, é impossível reconhecer pontos de semelhanças entre os dois indivíduos, sem qualquer relação sanguínea. Para o interior, ambos reconhecem e assimilam sua relação de forma natural, automática. Foucault diz, "Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (1987, pg. 218)." O poder de Shunsuke é exercido segundo a vontade de Yuichi a permanecer submisso a esse poder, como um pai que recebe um filho em seus braços e o protege do mundo com todas as suas ferramentas.

Contudo, as ferramentas que confortam também são as que disciplinam. As que disciplinam são as que modelam e, nesse âmbito, Shunsuke tem em Yuichi mais que um filho, mas uma obra de arte:

“Deprendia-se dessas confissões de Yuichi um desejo inocente que, embora ainda sem forma real, corrompia a própria realidade. Quando iria finalmente encontrar a realidade? Seu desejo adiantava-se a ele, corrompendo-a; a realidade exibiria alguma forma ficcional, ditada por seu desejo. Nunca encontraria o objeto de seu desejo: por que avançasse na vida, só se depararia com seu próprio desejo. [...] No entanto, não seria essa a própria epítome da arte, o modelo de uma realidade criada pela arte? Para transformar desejo em realidade, Yuichi precisava antes de mais nada destruir seu desejo ou a própria realidade. Acredita-se que, no mundo, arte e realidade convivem pacificamente; mas a arte precisa violar as regras da existência. A arte necessita existir por si própria.”(pg. 42)

Yuichi é o reflexo de seus desejos, prestes a se tornar o reflexo de Shunsuke e, seu legado. A confiança de uma obra de arte em exposição, o jovem passa de apenas evocação da arte para sê-la, questioná-la e destruí-la.

3.2. SÍMBOLO MATERNAL

A mãe de Yuichi está doente. Com a tecnologia da época, a expectativa da morte é algo mais próximo para a condição dela, pela doença grave e pela idade. Num estágio avançado, os cuidados para com a senhora precisam ser constantes e a presença da família é vital. Ainda sim, ela toma conta das finanças, o mínimo que pode fazer sendo acompanhada por outra senhora que não aprendeu bem sobre os números. A pensão que recebe pela morte do marido é a fonte de renda da família até que o filho se forme e consiga um emprego, mas o agravamento da doença acabou gerando falta de atenção nas contas e o surgimento de uma quantia considerável de dívidas.

A personagem não recebe nome. Sua qualificação é sua representação, uma existência referida pela relação entre ela e o filho. Quando ela é o assunto, a temática é mãe mas, mesmo ao falarem sobre mães num contexto geral é usada a palavra mulher. Por exemplo, a posição que Shunsuke mantém sobre as mulheres não usa para descrever a mãe de Yuichi:

“As mulheres não podem criar além de filhos. Já os homens, além de filhos, podem produzir tudo. Criação, procriação e reprodução são capacidades estritamente masculinas. É uma verdade irrefutável que a gravidez feminina não passa de uma parte da educação infantil. (A propósito, Shunsuke não tinha filhos. Em parte por questão de princípios.)” (pg. 20-21)

Para Yuchi, é mais fácil até relacionar os homens homossexuais à tarefa da maternidade que outras mulheres que não sejam sua mãe:

“Entre os homens completamente devotados suas esposas, não são poucos os que pertencem a essa espécie. Quando nascem seus filhos, mais que pais, tornam-se verdadeiras mães para eles. [...] Sua vida conjugal é feliz, tranquila, sem percalços; em suma, uma assustadora auto-profanação. [...] As mulheres não poderiam jamais sonhar com homens mais cruéis do que esses.” (pg. 59)

Uma vez sem as atribuições de esposa e mulher, ela é mantida e protegida sob a função de mãe. Ambos os sintagmas carregam todo o peso possível de seus significados. O primeiro sintagma de “mãe”, voltando a Fuess (1997), remete a figura protetiva, formadora e defensora do ninho. Logo atrás da figura paterna, a materna exerce a maior influência em seus filhos. A mãe japonesa é estereotipada como a senhora no comando, sua voz reflete a voz do pai e seu controle de casa só pode ser questionado por seu marido. Ao cuidar dos filhos, sua figura imponente é terna, gentil, mas firme e expectante. Ela é o maior reflexo do que se espera de um filho grato, que se torne um indivíduo independente, responsável e capaz de exercer suas devidas funções em sua própria família.

Então, é esperado que as inseguranças de Yuichi sejam um produto do estereótipo exercido pela mãe. Uma senhora doente, criando o filho desde sempre sozinha - um agravante de dedicação e obrigação de compensação do filho - zela pela felicidade de sua cria baseada numa versão comum

de caminho satisfatório para a vida: um homem com um bom emprego, bem casado e capaz de criar seus filhos à cultura de seu país. Ser homossexual acarreta o oposto desse ideal, uma existência rechaçada pela sociedade, temida pelo indivíduo e, conseqüentemente, uma desonra para a família. A senhora, a beira da morte, ter conhecimento sobre tal informação, seria alvo de uma morte arrependida e sua alma poderia carregar o peso do ressentimento. Mesmo que após o casamento do bom filho, a senhora volte a se agarrar a vida com uma saúde sobrenatural.

O segundo sintagma de “de Yuichi” marca a fronteira. Denotando posse, indica parte do personagem principal, uma posição invejada e desejada por mulheres e homens. O cuidado, a atenção e o amor dessa mulher são os únicos genuinamente correspondidos por Yuichi. Ela também é a barreira limítrofe entre um estranho e uma relação conformada com o filho, por isso é seguro se manter afastado quando se é uma ameaça. Denotando um adjetivo, ela existe apenas para Yuichi existir. Nada mais que um enfeite e um acompanhamento, deve ser mantido sem muita importância e mais como uma ferramenta. A mãe que é usada para fugir de situações complicadas, evitar transtornos e, justificar a falta de tomadas de decisões. Se Yuichi tem um segredo, uma obrigação para com a mãe e uma desculpa para não sair do ninho, ela é a motivação: “O amor maternal é algo incrível”, admirou-se Shunsuke, que, por obra de sua feiúra, nunca fora realmente amado pela mãe. ‘Com o poder de seus rins, a mãe vem salvar o filho que passava por um momento de perigo. Com isso, o desejo de Yuichi de voltar na mesma noite foi satisfeito (pg.37).”

O impasse criado por essa figura reflete a solução mais óbvia. O ideal é Yuichi casar-se com Yasuko, filha do amigo de seu pai, com quem tinha um acordo de casamento com um belo dote desde que eram crianças. Confortável, seguro e garantido pelo amor da jovem, o casamento só precisava de um incentivo tranquilizador para acontecer. O problema “mãe” precisava ser resolvido pela figura paterna que Shunsuke passa a exercer, mas com a marca sutil de que a intrasponibilidade fosse destruída aos poucos pela influência do velho. A motivação aparece como forma de incentivar o processo emancipação, lembrando aos poucos que a mãe de Yuichi também se enquadra como mulher e esposa, o alvo do ódio de Shunsuke.

O escritor dedica um falso respeito a senhora. A camuflagem de sua malícia contínua aos olhos de todas as personagens, mas o narrador entrega uma dica ao leitor. A única apresentação formal à mãe de Yuichi faz referência ao enterro da esposa de Shunsuke: “Shunsuke cobriu o rosto da morta com um valioso pertence: uma máscara de Nô de mulher jovem (figura 1), entalhada à madeira de Kawachi. Como a pressionou com certa força, o rosto da afogada foi esmagado sob a máscara como uma fruta madura demais.” (pg 23); e;

“... a mãe de Yuichi. Uma camada espessa de pó de arroz cobria seu rosto levemente inchado, buscando ocultar a idade da mulher ainda sempre ativa. Procurava esboçar um sorriso, mas a face túmida a impedia: o sorriso constrangido pesado estava sedimentado em sua face.”(pg.64)

A tarefa da mãe é guardar e proteger, zelar pelo futuro do filho, mesmo que isso custe a felicidade dela. A mãe de Yuichi cumpre sua tarefa com a melhor das intenções, acredita que Shunsuke exerça um bom papel como figura masculina para o filho dela. A tarefa do pai é ensinar e preparar o filho para os desafios, mesmo que isso acabe encarcerando o filho no sucesso não alcançado pelo pai. Uma vez que Shunsuke tem a intenção de criar sua obra prima usando Yuichi como material bruto, pouco importa se precisará zelar ou não pelas vontades de uma mulher, ainda mais um cadáver que lembra sua esposa.



Figura -1: Máscara de Nò Fonte: <<https://chipango.wordpress.com/2010/10/09/encounter-with-noh/>>

3.3. INFLUÊNCIAS PARENTAIS

Quando a relação é de mestre e discípulo, Shunsuke e Yuichi estão em conformidade de decisões. Vingá-lo da Sra. Kaburagi e da Kyoko é uma forma de honrar seu mestre, o dinheiro proveniente de tal ato é uma recompensa. Se é preciso conquistar a mulher que o cobiça desde a cerimônia de seu casamento, não é um desafio mediante a vigília e a orientação do mestre. Se deve fingir ingenuidade ao mentir para a outra sobre ser casado para conseguir a atenção dela, o êxito da missão indica que o discípulo consegue ouvir e praticar o que o mestre lhe ensina. Se então é preciso fazer as duas competirem e brigarem por ele, adquire, enfim, a capacidade para alcançar a perfeição esperada pelo mestre. Isso se torna sinal de conforto: “Aos poucos, sentiu desaparecer a necessidade de apoio de Shunsuke e, exatamente como um aluno primário que começa a tomar

interesse pelas lições que lhe são ensinadas contra a vontade, vicia-se no prazer do jogo desumano do qual as mulheres eram as vítimas (pg.166).”

Quando a relação é de pai e filho, ambos alternam entre o conforto e a competição. Antes e depois dos encontros com as duas mulheres, as ligações estratégicas recebidas com expectativa, consciente de tudo que faz em pró de obedecer Shunsuke, Yuichi sente que é protegido pela guarda do escritor. No alívio em sua postura, no “misto de gratidão e simpatia em seu olhar, apenas o escritor via através do jovem, sentia-se “invadido pela alegria de presenciar algo familiar” na insatisfação dele. As lições aprendidas são refletidas, assim como os atos e os pensamentos do escritor, Yuichi aprende sobre si mesmo olhando Shunsuke e percebe que pode superá-lo, só não o faz por consideração à proteção fornecida. “Yuichi tinha vinte e dois anos. Seu protetor, por sua vez, estava absorto por idéias que não condiziam com sua idade. Yuichi, pelo menos, perdera aquela trágica convicção que lhe dava uma aparência intrépida. Não se importava com o que pudesse acontecer (pg.59).”

A proteção é causada pela vontade do trabalho finalizado, a procura de resultados é o retorno de seus investimentos, dinheiro, tempo e sabedoria. E, assim como à mãe, Yuichi é ciente de que essa relação parental requer suas demandas. Ele sente como isso o afeta:

"Sua letra [de Shunsuke] estava um pouco trêmula. Observando essas mãos envelhecidas, Yuichi lembrou-se das de sua mãe, pálidas e levemente inchadas. Foram essas duas mãos, antes de quaisquer outras, que despertaram no íntimo desse jovem o casamento de fachada, o vício, a hipocrisia, a paixão pela falsidade. Aquelas mãos haviam assinado um pacto com a morte. Yuichi perguntava-se se a força que dele se apossara não seria uma força do além-túmulo.” (pg.167)

Shunsuke trabalha ativamente em sua posição de poder. A casa dele se torna um refúgio para Yuichi, mas também um local de controle. O controle trabalhado aos poucos desde que se conheceram é, para o escritor, como um jogo de estratégia onde não há pressa para jogar: “‘Esta é definitivamente uma noite estranha’, falou para si o velho escritor. ‘Devo evitar qualquer tipo de pressão que possa aumentar as preocupações deste jovem devotado à mãe. Não vejo problema: ele certamente aceitará minha maneira de encarar as coisas.’”(pg. 38)”

Foucault comenta sobre esse comportamento:

"Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar." (1987, pg. 169)

Esse comportamento se expande. Quando Yuichi se encontra com as mulheres em outros lugares, além da casa, Shunsuke está no restaurante mais próximo. Quando ocorrem festas,

Shunsuke aceita todos os convites. Em parte por querer acompanhar de perto, em parte por ter certeza de que tudo está como planejado, ele se faz presente e escolhe quem poderá estar ou não. Quando as coisas não saem como combinado, o escritor consegue rapidamente virar o jogo de volta ao seu favor.

Contudo, existe um significado mais direto no fato de ele começar a frequentar o bar que Yuichi frequenta para encontrar outros de sua espécie e acalmar seus desejos. Respeitar a homossexualidade do jovem é feito desde o início, Shunsuke nem esconde sua admiração por ela:

“Uma existência misturando sonhos de adolescente com o remorso da velhice. Yuichi representava tudo isso. Que felicidade seria amar as mulheres se ele fosse um jovem como Yuichi! E, além disso, como teria sido feliz sua vida se ele, assim como Yuichi, não amasse as mulheres ou, melhor ainda, se tivesse conseguido passar sem o amor delas! Assim, Yuichi transformava-se em ideal, em obra de Shunsuke.” (pg.43)

Assim como Pigmalião¹¹, o escritor deseja polir sua obra. A obra viva capaz tirar “o odor de morbidez” de suas obras escritas é sua obra-mestra. Shunsuke sabe que o jovem é narcisista, ama sua obra exatamente por ela ser desse jeito. Mais que a vontade de vigiar, um autor deseja ver sua obra exposta e admirada, provar para si mesmo o talento que ela reflete, não como um espetáculo, mas com um teste. Foucault demonstra esse ato como um procedimento: "Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância; [...] a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos (pg.240)."

O indivíduo que Yuichi se torna é por causa da mãe. O homem que respeita as regras da sociedade, possui um emprego digno, faz faculdade, arrumou em tempo hábil um casamento com uma jovem apaixonada por ele e, na vinda do primeiro filho, tem estabilidade social e econômica. Porém, o ser que Yuichi é, revela-se por advento de Shunsuke. O pedaço de mármore era como uma inocência, que precisava ser cavado até que a arte seja encontrada. Somente o autor consegue enxergar a escultura dentro do material bruto. Ela vai se revelando aos poucos, indicando alguns sinais de que está ficando pronta, algumas sendo maiores que seus escultores. O espírito que não tem “mais força para ocultar suas vergonhas” decai para que a beleza de Yuichi seja mais nítida. Quanto mais entristecido o mundo ao redor do jovem fica, mais desejada é sua beleza. A beleza

¹¹Lenda grega onde um escultor faz a estátua de uma mulher, por ter sofrido com mulheres reais, e se apaixona por ela. Ver mais em: <https://www.recantodasletras.com.br/contos/2067774>

baseada na visão de Shunsuke é a infelicidade causada pelo seu árduo objetivo de vingar-se da arrogância jovial de modo a transformá-la numa feiura que transborda maldade.

3.4. FUGA DO NINHO

Chegado o momento, o filho necessita se separar de seus pais. Estar pronto para o momento acontece de maneira física e/ou emocional, dependendo diretamente do quão capaz o filho é da emancipação. Quando o filho é hábil em manter seu sustento financeiro mas não consegue abandonar o costume da roupa arrumada sozinha e da comida pronta, cedo ou tarde acaba voltando para o aconchego, mesmo que como forma de descanso. Quando o filho se emancipa de maneira emocional, é mais difícil a volta, pois há um misto de ressentimento e orgulho em suas decisões. Requer um planejamento e um poder de libertação se emancipar física e emocionalmente, dividir as consequências da ação com alguém diminui o fardo. Esse é o momento mais esperado e temido pelos pais, que preparam suas crias e eles próprios para que a realidade tão moldada e articulada por eles não tenha sido danosa mas, sim, um ambiente teste para a realidade do mundo que será desbravado. Não importam os erros, pois serão todos justificados como uma tentativa de ensino.

Yuichi cresceu perante a sociedade. Sua mãe deixou de protegê-lo para ser protegida por ele, o homem da casa tomando decisões. Enquanto seu segredo continua guardado e longe da família, sua imagem continua a de um jovem pronto para o mercado de trabalho e com grandes expectativas de um desempenho satisfatório. O casamento reforça essa ideia, todo homem deve crescer, trabalhar com dignidade e deixar seu legado. Formar uma família é tarefa de um indivíduo exemplar. Yuichi mantém a fachada sobre o que a sociedade espera dele, sobre o que sua família deseja para ele, sobre o que todos desejam menos ele mesmo. Desse impasse surge sua emancipação, observada e refletida pela paisagem ao redor do jovem. Uma vez que aprende a lidar com seu segredo, passa a praticar seus desejos e, refletir sobre o mundo ao seu redor.

No início, Yuichi e Yasuko estão numa ilha romântica para os casais sem serem um de verdade, se destacam mais por nem terem se tocado nos três dias de viagem. O jovem, assim como a ilha, possui uma beleza apreciável, mas um interno que a maioria sequer consegue supor o que esconde. Com todas as mulheres são assim, quando o jovem está performando a imagem de um hétero, ele se destaca no ambiente como um ator em cena. O lugar é notado, pois o jovem está nele. Se é um local animado, é por causa da animação simulada do jovem. Se é cortês, refinado e causa embaraço em quem cujos sentimentos estão perturbados, o jovem chega a ser a consequência.

Durante a primeira vez que se entrega aos desejos, não é coincidência que haja um incêndio longe de sua casa, mas perto o suficiente para ser visto. A casa onde mora é um local de agonia e sofrimento, a consumação do casamento fora apenas por obrigação, um desejo simulado pelo contato com o verdadeiro desejo pouco tempo antes. Assim, conforme vai se descobrindo, precisa mais desse ambiente e das sensações que lhe causam, enxerga sua representação e, quanto mais explora, mais abomina. Ele sente o chamado no bonde, entra na praça escura, se perde e, encontra um banheiro, onde os contatos da “sua espécie” são mais íntimos. Então, já acostumado com a paisagem, Yuichi volta e encontra o bar do Rui. Ali, o ambiente é selvagem, predadores atrás de presas, mas ele faz parte dos predadores.

Quando ele não se identifica com o ambiente, transparece tensão, impaciência ou asco, como em sua casa, no escritório de Shunsuke ou na festa no fim de ano de “sua espécie”. Seu refúgio é algum lugar mais pessoal, seja para evitar os olhos julgadores, ou para descansar a máscara performática, como no próprio escritório, na biblioteca de Shunsuke ou num quarto mais reservado no chalé da festa. O ambiente reforça suas interações com as pessoas e reflete o terror que suas aflições estão se tornando, descobrir que Yasuko estava grávida seria o ápice dessa reflexão:

"Yasuko se acalmara. Era uma serenidade misteriosa. Como qualquer marido inocente faria, Yuichi observava desconfiado o ventre da esposa. Nesse momento, uma estranha visão provocou um tremor em seu corpo. Imaginou a esposa segurando um espelho à altura do abdômen e seu próprio rosto, nele refletido, olhando-o fixamente de baixo para cima.

Não era um espelho. Eram apenas os raios do sol poente entrando pela janela e vindo se estender justamente sobre aquela região carmesim da saia de Yasuko. Aquele horror era semelhante ao que sentiria um homem que tivesse contaminado a esposa com uma doença pg.179)."

Importante frisar que essa conexão também demonstra o quanto Yuichi está intoxicado pelo próprio narcisismo. Ele não perdeu a inocência, mas a transferiu para a aceitação e internalização da idéia de que é uma obra de arte e, que poucos pode ter o prazer de contemplá-lo. Resultados do nojo que sente de seu mundo e de si, ser desejado e deleitar essa sensação é a maneira de suportar essas sensações. Seu ideal é a liberdade. Em seu âmago, sente que a mentira é apenas mais uma prisão de efeitos práticos para enganar os outros e a si mesmo. Essa é uma responsabilidade que nem mesmo Shunsuke pode tirar dele, pois “a natureza é algo que nasce, não é algo criado. A criação é aquilo que leva a natureza a duvidar de seu próprio nascimento. Isso porque a criação é, em última análise, um método (pg.188)”.

Yuichi cresceu aos olhos da mãe. A doença não atrapalha mais a mente da senhora, ela pode voltar a cuidar da casa e a ajudar a nora. A felicidade daí poderia ser certa, seu primeiro neto

era a prova de que as coisas estavam indo bem apesar do filho sair cada vez mais e nunca receber a visita dos seus amigos. A mãe estava consciente de suas ações, ...:

“Não é preciso dizer que a felicidade do filho é objeto de grande parte das preocupações dessa mãe dedicada. Quando pensamos na felicidade de outra pessoa, inconscientemente sonhamos realizar através dela nosso próprio ideal de felicidade, o que pode tornar as pessoas mais egoístas do que se estivessem pensando em sua própria felicidade (pg. 182).”

... Conhecia sua cria e o que teria feito a ela:

“Seus rins haviam melhorado, mas os vários problemas que a afligiam faziam que desejasse a morte. [...] Mais do que a infelicidade de Yasuko, o egoísmo natural materno fazia com que padecesse com a infelicidade do filho. Temia que Yuichi tivesse sido forçado a esse casamento, claramente baseado no sentimento de dever filial por ela, razão de remorsos e preocupações (pg. 182).”

Por outro lado, Shunsuke não poderia estar menos feliz. Mesmo com os conselhos, Yuichi engravidou Yasuko, uma gravidez de risco e com muitos problemas de saúde. Ele reverteria o jogo ao seu favor, mas esperaria o momento certo, aproveitando a diversão das consequências do jogo criado por ele. Não havia mais volta, apenas sua obra tem a capacidade de sair da armadilha que sua vida fora transformada. Em toda a revolta do jovem, o senhor enxergava enfim o resultado de seu trabalho:

“Naquele momento, a obra de Shunsuke se expressa pela primeira vez. Na voz bela e energética do jovem, Shunsuke parecia ouvir o som de um sino conhecido, forjado pelo murmúrio e imbuído do cansaço físico de seu construtor. Ao mesmo tempo, sorria diante do mau humor infantil de Yuichi. Já não era mais a voz de sua criação (pg.195).”

A fuga do ninho é um processo relativo ao indivíduo. Referente tanto a sua vontade quanto capacidade, o poder de libertação considera o desvencilhamento da dependência materna e da subjugação paterna. Portanto, mesmo considerando que a casa seja apenas mais um sistema prisional social, ainda é do indivíduo a responsabilidade de não ser manipulado.

4. CONCLUSÃO

O processo de paternidade em Cores Proibidas engloba uma manipulação das ações sem se envolver nas consequências. O indivíduo que guia o outro tem engajamento de estar a par dos assuntos, mas nunca estar realmente interessado em ajudar por altruísmo. Seus objetivos são ligados aos seus atos e, o outro só serve como uma ferramenta para estes sejam alcançados. O problema desse ato é a incapacidade de prever ou de entender completamente a mente humana.

Ela pode ser reproduzida em textos, mas até o escritor sabe seus limites. Por isso, existe numa relação de manipulação não só o sentimento de poder, mas o gosto pelo risco, pelo imprevisível. Shunsuke está realizado como artista, a extensão de sua alma foi fundada em algo conceitual, o texto, e em algo procedural, Yuichi. O velho encontra no seu objeto de dominação o desejo de pertencer e possuir que não tinha antes e, não percebe que tal desejo toma conta dele até que seja tarde demais.

O processo de maternidade, por outro lado, tem motivações altruístas, mas consequências egoístas. A figura da mãe é um enfeite, afastada da ideia de esposa e mulher, aproximada da manifestação de lugar seguro, mas sufocante. Quando o papel de mãe é exercido, a vida da persona é deixada de lado por ela mesma e passa a ser responsabilidade de seu filho ou de seu marido. A maternidade indica um amaciamento do ódio às mulheres, mas não uma extinção dele. O desmanche de um lar, que acontece principalmente na figura da mulher que cuida de seus filhos e gere a casa na ausência do marido, acontece no desmanche da representação feminina.

No enredo do romance, fica nítido que não existem discussões de gênero, nem as funções que cada um exerce. Pela época, a homossexualidade ainda tratada como doença, é possível interpretar a sexualidade de Yuichi de maneira ornamental. A questão não é sua sexualidade, mas o que ela motiva nas pessoas ao redor dele e nele, como foco de um universo ideal criado e refinado por ele com a influência de Shunsuke. O velho escritor é capaz de sugerir que o jovem corra atrás de conciliar seus desejos e sua vida social, mas é o jovem que realiza a ação. Então, o velho não pode ser culpado pelo crime, mesmo sabendo que foi o responsável pelo criminoso - o que admite com a felicidade de um pai orgulhoso.

Como estudo de um processo de relações humanas, o presente trabalho tem como função apresentar a primeira parte. O encontro entre os dois protagonistas começa com uma básica relação de pai e filho, como um homem e uma mulher começam com uma relação de amizade. Nota-se, por encadeamento, que o relacionamento entre Shunsuke e Yuichi beira a um aprofundamento romântico. Nos primeiros doze capítulos, já é possível enxergar esse processo, mas é relevante notar que, antes dele, houve a perpetuação da relação e a manipulação parental. Não só a relação entre os protagonistas, mas as entre Yuichi e quase todos os personagens passam pelo processo de reflexão e assimilação por parte de Yuichi. Afinal, as mudanças psicológicas são prioridade no enredo de Cores Proibidas.

Por isso, as futuras intenções são de aprofundar a análise a ponto de identificar quais são as “cores”, principalmente entre Shunsuke e Yuichi. Será observado como ocorre um sacrifício da parte do escultor para que a obra se torne enfim completa, resultando seu arrebatamento por ela.

Buscando assim, entender como Yukio Mishima montou nessa obra seu mortal processo de dialética entre mente e corpo.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. F86v, p.288.

FUESS, Harald. *A Golden Age of Fatherhood? Parent-Child Relations in Japanese Historiography*. In: Monumenta Nipponica: Sophia University, 1997, Vol. 52, No. 3, pp. 381-397.

LEE, H. O espaço autobiográfico em Yukio Mishima. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 124f, 2007.

MALONEY, Iain. *Forbidden Colours*. *Japan Times*, 13 aug. 2016. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/culture/2016/08/13/books/book-reviews/forbidden-colours/#.XbpOHJpKjtQ>. Acesso em: 02 dez. 2019

MCLELLAND, Mark. *Japan's Queer Cultures*. In: Theodore and Victoria Bestor (eds), *The Routledge Handbook of Japanese Culture and Society*. Routledge, New York, 2011, 140-149.

MISHIMA, Y. *Cores Proibidas*. Tradução por Jefferson José Teixeira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

STOKES, H. S. *A vida e morte de Mishima*. São Paulo: L&PM, 1986.

TAURINHO, Bruno. Sonho e morte de Yukio Mishima: Um incidente romanceado. *Medium*, 25 nov. 2016. Disponível em: <https://medium.com/neworder/sonho-e-morte-de-yukio-mishima-34dc31946322>. Acesso em: 02 dez. 2019

VALENTINI, Felipe; ALCHIERI, João Carlos. Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura. In: *Contextos Clínicos*, julho-dezembro 2009, pp.113-123.